ANA C. E ALICE SANT'ANNA: TRADIÇÃO E DESLOCAMENTOS NA POESIA BRASILEIRA

ANA C. AND ALICE SANT'ANNA: TRADITION AND SHIFTS IN BRAZILIAN POETRY

Emanuelle de Queiroz Oliveira[1]
[https://orcid.org/0000-0001-8050-0432]

Nilcéia Valdati[2]
[https://orcid.org/0000-0001-6145-3618]
DOI: 10.30612/raido.v15i38.14875

RESUMO: Interessados nos estudos sobre a poesia brasileira contemporânea escrita por mulheres, e visando apontamentos entre tradição e deslocamentos, pretendemos comparar como se estabelece o diálogo poético entre Ana Cristina César e Alice Sant'Anna. Especificamente, verificar como as leituras que Sant'Anna faz da "Sereia de Papel" contribuem para sua construção literária numa relação de afeto e alteridade. A discussão sobre o diálogo poético entre as poetas parte da ideia de *Travelling,* e nos possibilitou identificar nos poemas: "trem noturno", "quando armando e ana se conheceram", "travelling", "ausência", "desenhava tudo o que via" e "abro o envelope", do livro *Rabo de Baleia* (SANT'ANNA, 2013), relações com os poemas de Ana C.: "Recuperação da adolescência", "Nada, esta espuma" do livro *Cenas de Abril* (1979), "A história está completa: (...)", "Quando entre nós só havia", "travelling", de *A teus pés: prosa e poesia* (1982), e "Do diário não diário – inconfissões", publicado em *Inéditos e dispersos: poesia/prosa* (1985), destacando-se a ideia de viagem, a correspondência/ cartas, a intimidade, as relações pessoais, e, o lirismo na construção dos poemas.

Palavras-chave: Ana C.; Alice Sant'Anna; Poesia brasileira contemporânea; *Travelling*.

ABSTRACT: Interested in studies about the Contemporary Brazilian Poetry written by women, and aiming at issues between tradition and shifts, we intent to compare how the poetic dialogue between Ana Cristina César and Alice Sant'Anna is established. Specifically, to verify how the readings that Sant'Anna made about "Sereia de Papel" contributed to her literary construction in a relation of affection and otherness. The discussion about the poetic dialogue between the poets starts from the idea of *Travelling*, what made us possible to identify in the poems: "trem nortuno", "quando armando e ana se conheceram", "travelling", "ausência", "desenhava tudo o que via" and "abro o envelope", from the book *Rabo de Baleia* (SANT'ANNA, 2013) a relation with Ana Cristina's poems: "Recuperação da adolescência", "Nada esta espuma" from the book *Cenas de Abril* (1979), "A história está completa: (...)", "Quando entre nós

1 Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
2 Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

só havia", "travelling", of *A teus pés: prosa e poesia* (1982), and "Do diário não diário – inconfissões", published in *Inéditos e dispersos: poesia/prosa* (1985), pointing out the idea of travelling, correspondence/letters, the intimacy, the personal relationships, and, the lyricism in poems construction.

Keywords: Ana C.; Alice Sant'Anna; Contemporary Brazilian Poetry; *Travelling.*

> A linguagem poética existe em estado
> de contínua travessia para o Outro.
> (SANTIAGO, 2002, p.61)

Para pensarmos a linguagem poética contemporânea, tomamos o apontamento de Luciana di Leone (2014, p. 20), em *Poesia e escolhas afetivas*, sobre algo central para a poesia, o afeto: "uma análise da poesia contemporânea solicita uma reflexão sobre os afetos". Para a autora, pensar a palavra poética, em especial a relação entre escrita e leitura, implica pensar na capacidade de *afetar*.

O afeto/afetar se realiza nessa capacidade catártica da linguagem para com o outro, é a *contínua travessia*, de Silviano Santiago (2002), em "Singular e Anônimo". O afeto constrói as travessias entre a linguagem poética, o autor e o leitor. Nesse sentido, pretendemos pensar a poesia de Ana Cristina César (1952 – 1983) e Alice Sant'Anna (1988), nessa relação afetiva e transitiva de tradição e deslocamentos.

Como representativo desse caráter afetivo e transitivo da/na poesia brasileira, tomamos uma ideia presente tanto na poesia de Ana C. como na de Alice, o *Travelling*. O termo, em inglês, relaciona-se com a noção de "viagem", com a ação de "estar viajando", o que nos possibilita tomar o *travelling* na poesia dessas poetas, como movimento, deslocamento.

No Cinema, *travelling* é o nome dado a todo movimento da câmera, quando esta se desloca no espaço. Em oposição ao movimento da panorâmica (quando gira em seu próprio eixo, sem se deslocar). *Travelling* pode ser tanto a técnica quanto o equipamento (trilhos para deslocar a câmera) usado para realizar o movimento. Tratando-se de um dos equipamentos que mais contribuem positivamente para a fotografia nessa linguagem. Segundo os estudos de Marcel Martin (1990), em *A linguagem cinematográfica*, o *travelling* contempla diversos movimentos que não podem ser atingidos com a panorâmica, como aproximação, afastamento e/ou contorno. O deslocamento simétrico da câmera contribui para a exatidão do recorte, para uma sequência de imagens todas já pensadas, ensaiadas e preparadas para que no segundo exato seja filmado determinado momento.

Levando em consideração esta noção de *Travelling* , nesse trabalho, procuramos observar como ela se coloca na relação poética estabelecida entre a poesia de Ana C. e Alice Sant'Anna. Nosso interesse justifica-se na importância de se estudar a poesia de autoria de mulheres na contemporaneidade, uma vez que Ana C. já é tida como consagrada na literatura brasileira, mas Alice Sant'Anna ainda é recente neste cenário, numa relação de deslocamentos e afetos, ambas são mulheres que se destacam na literatura produzida no território latino-americano, de modo que essa perspectiva de estudo coloca Alice Sant'Anna dentro de uma tradição poética.

Desta forma, propomos comparar como se constrói o diálogo poético entre Ana C. e Alice Sant'Anna. Especificamente, pretendemos identificar em poemas do livro *Rabo*

de Baleia (SANT'ANNA, 2013) relações com os poemas de Ana C. que perpassam diferentes livros de sua poética, como: *Cenas de abril* (1979), *A teus pés* (1982), e *Inéditos e dispersos* (1985), principalmente, a fim de verificar como as leituras que Alice Sant'Anna faz de Ana C. contribuem para sua própria construção, ou seja, de que forma Alice enquanto poeta reverbera em sua escrita o afeto proporcionado pelas leituras que fez de Ana C.

Num primeiro momento, para atingirmos os objetivos, aos quais nos propomos, utilizamos da pesquisa bibliográfica. Realizamos um breve levantamento sobre a vida e recepção crítica das autoras. Ana C. conta com uma vasta recepção e estudos sobre seu trabalho com a linguagem, enquanto sobre Alice ainda há pouco estudado e publicado, o que ressalta a importância desse estudo. Ao pontuarmos aspectos relacionados à vida e formação acadêmica das poetas, podemos observar que esses aspectos, além da própria poesia, também possibilitam uma relação de afeto, uma vez que, embora Alice tenha nascido anos após o falecimento de Ana C., ambas estabeleceram vínculos no cenário dos estudos das linguagens como com a professora e pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda, e com o poeta Armando Freitas Filho.

Pensando a relação poética, selecionamos do livro *Rabo de Baleia* (SANT'ANNA, 2013) seis poemas: "trem noturno", "quando armando e ana se conheceram", "travelling", "ausência", "desenhava tudo o que via" e "abro o envelope". Ao passo que dos poemas de Ana C. selecionamos "Recuperação da adolescência" e "Nada, esta espuma" do livro *Cenas de Abril* (1979), "A história está completa:(...)", "Quando entre nós só havia" e "travelling", de *A teus pés: prosa e poesia* (1982), e "Do diário não diário – inconfissões", publicado em *Inéditos e dispersos: poesia/prosa* (1985).

A partir desta seleção, somada às discussões sobre o contemporâneo e a poesia baseados em estudos como os de Giorgio Agamben (2009), Octavio Paz (1982) e Susana Scramim (2016), que fundamentam a nossa análise, organizamos nossas observações em cinco pontos centrais: a ideia de viagem (o *travelling*); a correspondência / cartas; a intimidade; as relações pessoais; e o lirismo na construção dos poemas. Pontos que corroboram para a construção da "contínua travessia para o Outro" (SANTIAGO, 2002, p.61), que é a linguagem poética.

1. "ANALICE" – SOBRE ALICE SANT'ANNA E ANA CRISTINA CÉSAR

Motivados pela reflexão que pautamos inicialmente sobre a ideia de *Travelling* como um caminho percorrido, ou, como dado no cinema, trilhos que pré-estabelecem o percurso, voltamos nosso olhar, inicialmente, aos cursos e deslocamentos vivenciados pelas poetas aqui elencadas.

Em 1968, Ana C. em seu poema "Protuberância", incluído no livro *Inéditos e dispersos* (CESAR, 2013c, p. 147), pressupõe um caminho para seu *Travelling*:

> [...]
> No ano 2001 terei (2001 – 1952=) 49 anos e serei uma rainha
> rainha de quem, quê, não importa
> E se eu morrer antes disso
> Não verei a lua mais de perto [...]

Porém o carrinho saiu dos trilhos e Ana C. não passou a fazer parte da monarquia em 2001. Com apenas 31 anos, em 1983, a câmera de Ana parou de filmar e seus "caderninhos" estão agora na "vitrine da exposição póstuma. Relíquias" (CESAR, 2013a, p. 55).

Ana Cristina Cruz César, poeta, ensaísta, crítica literária, professora e tradutora, nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de junho de 1952. Esteve desde cedo no meio literário, seu pai Waldo Aranha Lenz César foi sociólogo, teólogo e ocupou cargos importantes na área editorial, como membro fundador da editora Paz e Terra. Sua mãe, Maria Luiza Cruz, foi professora de literatura. Um ambiente propício para que nascesse a grandiosa poeta Ana C., como costumava assinar.

Com apenas sete anos já teve seus primeiros poemas publicados no jornal *Tribuna da Imprensa*. Teve parte da sua vida voltada aos estudos. Em 1970, realizou um intercâmbio em Londres. Após um ano, retorna ao Brasil e inicia a faculdade de Letras na PUC/RJ, atuando como professora desde o início. É no meio acadêmico que Ana C. estabelece uma relação com Heloisa Buarque de Hollanda (1939), que foi fundamental na sua construção como poeta no Brasil.

Cenas de Abril (1979) é o primeiro livro de Ana C. a ser publicado, de forma totalmente independente. Essa forma de publicação é uma das evidências da relação da autora com a poesia marginal brasileira nos anos 1970, ou a geração mimeógrafo. Como afirma Paulo Ricardo Alves (2017, p.1), em uma matéria para a revista *Cult*, "foi em meio à geração do mimeógrafo que Ana C. despontou".

Em apresentação ao catálogo da exposição *Poesia marginal palavra e livro*, organizado por Eucanaã Ferraz (2013), o site do Instituto Moreira Sales (2018, p. 1) evidencia:

> A poesia marginal fez dos livros instrumento privilegiado. Sem muito dinheiro, os autores inventaram meios de editar suas publicações, sem depender das editoras, que eram pouco receptivas a um gênero nada comercial. Tudo começou com o mimeógrafo, na época, o principal equipamento de reprodução de textos nas escolas, que serviu ao movimento estudantil para espalhar mensagens políticas.

Ou seja, é pela forma de divulgação da poesia que esses poetas estão como poetas marginais, não eram poetas à margem da sociedade, excluídos, mas, pelo contrário, em sua maioria, eram jovens que pertenciam e circulavam por áreas importantes da sociedade, porém estavam às margens dos cânones, e não seguiam o padrão de publicações das editoras. São poetas marginais pelo modo que buscam se distanciar do cânone literário. Dentre diversos poetas que representam essa geração, apontamos como exemplos Paulo Leminski (1944 – 1989) e Chacal (1951).

Como já dito, Heloisa Buarque de Hollanda foi de fundamental importância na construção de Ana C. como poeta, pois, em 1975, Heloisa publica pela editora Aeroplano a antologia *26 poetas hoje*, que continha poemas de vários poetas da geração mimeógrafo, entre eles, Ana C.

Há alguns críticos, porém, que afirmam que a poesia de Ana C. não é tão marginal assim, visto que em seus poemas também é nítido a relação com a tradição:

> Ana destoou significativamente do restante do grupo marginal – em vários dos seus poemas ela deixou clara a influência recebida de outros predecessores literários chegados até ela via Tradição. Não fez tantos experimentalismos estilísticos na

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 259 – 275 | mai/ago 2021

> composição dos seus versos, optando por uma escrita firme e versos bem elaborados nos seus períodos, alguns até bem longos graficamente. Tal fato já contribui para sentirmos uma nova possibilidade, uma nova retórica quanto a sua criação poética: não opta tanto pela fragmentação do verso como era de se esperar de uma poeta dita 'marginal', ainda mais tendo como precursora toda uma tradição concretista pautada numa verdadeira revolução formal/visual da poesia. (RODRIGUES, 2011, p. 15)

A escrita de Ana C. ultrapassa horizontes, ultrapassa a margem. Larissa Drigo Agostinho (2015, p. 3) afirma: "Ana Cristina abandona as convenções e regras que poderiam limitar o horizonte de sua escrita", ou seja, é uma poeta que destoando da tradição (ao mesmo tempo que se debate com ela), torna sua poética algo que transpassa o literário. É o que nos mostra Cristiane Roveda Gonçalves (2010) em seu artigo "Quem tem medo de Ana Cristina César?":

> Ao contrário dos poetas marginais que apresentavam uma preocupação com o mundo, que possuíam um tom moralizante em seus poemas, que estavam refletindo o capitalismo e a cultura de massa, Ana Cristina escrevia preocupada com a intimidade, com o mínimo, com o segredo, com aquilo que só é possível tocar por dentro: *Hoje acordei com uma coceira no hímen*. O peso do mundo pesa em Ana C. (GONÇALVES, 2010, p. 200, grifos da autora).

É como se os livros de Ana C. tivessem seu próprio *Travelling*, as palavras viajando, a sequência de imagens, a vivência do deslocamento. É uma poesia totalmente íntima, não é qualquer viagem, são as suas próprias viagens, reais ou não, viagens dos seus poemas. Gonçalves (2010), ao comentar sobre a poesia de Ana C., diz que ela pode ser lida como uma experiência de escrita imediata: "O tom confessional de diários, cartas, bilhetes e poemas fragmentados induz o leitor a criar uma atmosfera juvenil e pouco complexa, porém nesse jogo com o cotidiano a poeta revela extrema consciência de que a poesia é um trabalho de linguagem" (GONÇALVES, 2010, p. 198).

O trabalho de linguagem produzido por Ana C. não foi todo divulgado em vida. Publicou seus livros de forma independente, e apenas o livro *A teus pés* (1982) foi publicado pela editora *Brasiliense.* Após sua morte, Armando Freitas Filho se torna responsável pelas suas publicações póstumas. Reunindo toda sua produção, o livro *Poética* (2013), publicado pela *Companhia das Letras*, revela ao leitor toda a intimidade de Ana C. O posfácio do livro é escrito por Viviana Bosi, que destaca: "Ana Cristina, assim como outros poetas de sua geração, debate-se com o agora". (BOSI, 2013, p. 427).

E, se no século XX temos Ana C. com toda essa intimidade, singularidade e voracidade em uma poesia que (de)bate com o agora e constrói uma rachadura, trinta anos depois, já no século XXI, com o livro *Rabo de Baleia* (2013), temos Alice Sant'Anna, jovem e admiradora de Ana C., que, assim como ela, faz uso da sua intimidade para (de)bater-se com o agora. O voltar-se para o agora, para seu próprio tempo é também voltar-se para a tradição, para o estar em deslocamento. Fator que faz emergir a poesia de Alice na contemporaneidade, pois, de acordo com Giorgio Agamben (2009) o contemporâneo é estar nesse anacronismo:

> Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através

> desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e aprender o seu tempo. (AGAMBEN, 2009, p. 58)

Alice Carvalho Cumplido de Sant'Anna nasceu também no Rio de Janeiro, em 1988, cinco anos após a morte de Ana C. O que não impediu que em suas produções poéticas houvesse um diálogo palpável. Alice é em seu tempo uma poeta singular, intimista, com sua poesia de detalhes, também fazendo em sua escrita o uso do seu próprio *Travelling* na forma como constrói as imagens em seus poemas.

A formação de Alice, assim como de Ana C., é realizada na PUC/RJ. A jovem poeta é formada em Jornalismo e tem mestrado em Literatura. Seus livros publicados são *Dobradura* (2008), *Rabo de Baleia* (2013), *Pé do ouvido* (2016) e *Aula de natação* (2018). Em sua matéria "Meios de Transporte" que escreveu para a Revista *Serrote* do Instituto Moreira Sales, da qual é colaboradora, Alice fala sobre a poesia de Ana C. "O deslocamento é marca frequente na poética de Ana" (SANT'ANNA, 2016, p. 1), é isso também o que podemos perceber na poesia da própria Alice.

O deslocamento, retomando a ideia inicial, é o *Travelling* na poesia de ambas. O *Travelling* não é somente o viajar, o deslocar-se de um lugar para outro, mas é também o deslocamento figurado, o se sentir deslocado, não se sentir adequado ao mundo, ao seu próprio tempo. São duas poetas que ao seu tempo debatem-se com o agora, como já dito. Há um diálogo entre Alice Sant'Anna e Ana C. nesse estar dentro sentindo-se fora. Felipe Fortuna (2016, p. 1) ao escrever para o *Folha de S. Paulo* declara Alice como discípula de Ana C.: "É bem possível que Alice Sant'Anna seja quem mais racionalize e aplique, em sua poesia, as técnicas de despistamento e o intencional movimento pendular de confissão e ficção presentes na poesia de Ana Cristina César".

2. TRAVELLING POÉTICO

Consideramos valido ressaltar que embora nosso objetivo se relacione com a similaridade entre a escrita de Alice Sant'Anna e Ana C. não há a possibilidade de desconsiderar a singularidade de cada uma, o que se estabelece é um diálogo poético não uma igualdade de produção, são poetas que em seu tempo se voltam ao agora e se determinam por suas peculiaridades, ambas produzem uma literatura ímpar. Tomamos o ponto da interlocução poética pois, de acordo com a professora e pesquisadora Maria Lucia de Barros Camargo (2003, p.118): "é evidente que toda obra literária tem relação com a tradição que a antecede, seja por influências, por releitura ou recuperação. Sempre há algo de intertextual, sempre há historicidade, sempre há releitura, independentemente de modismos críticos ou teóricos". Dessa forma, é que nos debruçamos sobre a poesia de Alice, pois embora seja contemporânea (e talvez justamente por ser contemporânea), se debate com a tradição que a antecede, aqui evocada pela poesia de Ana C.

O segundo livro da poeta Alice Sant'Anna, publicado pela editora *Cosac Naify* em 2013, nos coloca em reflexão sobre o deslocamento logo no título: *Rabo de Baleia*, que também é o título do primeiro poema que compõe o livro. Sem morosidade "Um enorme rabo de baleia / cruzaria a sala neste momento" (SANT'ANNA, 2013, p. 7), nos faz tomar consciência de uma temática que permeará todo o livro, o deslocamento, o estar em algum lugar e não se identificar com ele, não se apropriar ou sentir-se realmente

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 259 – 275 | mai/ago 2021

presente ali, de um "corpo que chega exausto em casa" e que sente vontade "de abraçar um enorme / rabo de baleia seguir com ela".

O paralelismo poético que contemplamos nos torna possível adotar um caminho, o nosso próprio *travelling* de análise, ao passo que se estabelece um percurso com alguns pontos que ressaltam as leituras que Alice dialoga com Ana C. A discussão é fomentada por aspectos que se mostram semelhantes nos dois fazeres poéticos, o que examinamos por "pontos dialogados".

O primeiro aspecto que nos interessa se evidencia na própria ideia de viagem, deslocamento, *travelling*. De certo modo, a viagem também significa aprendizagem, conhecimento. As poesias, tanto de Alice quanto de Ana C., nos dão a ideia de uma viagem continua, pois, esse olhar mais atento se dá como mote para seus poemas, o passeio, o pequeno, o singelo. Afirmamos desta forma em harmonia com os estudos de Maria Lucia de Barros Camargo, que, em seu livro *Atrás dos olhos pardos* (2003), estuda a lírica de Ana C., ratificando sobre sua poesia "que Ana Cristina se voltará para o cotidiano, para a simplicidade, para o lirismo e para a relação criadora com as obras do passado. Seu fazer poético será também, um modo de pensar o presente". (CAMARGO, 2003, p. 111).

Nos poemas de Ana C. não é meramente o lugar para onde está indo que importa, mas o ato de viajar e como está viajando, através do que, como é o percurso e com o auxílio de qual meio de transporte ele é percorrido. Nos poemas de Ana C., corriqueiramente "viajamos" de navio: "é sempre mais difícil \ ancorar um navio no espaço" (CESAR, 2013d, p. 17).

A poética em Ana C. se estabelece em diversos meios de transporte, de acordo com Camargo (2003, p. 290):

> Dos vários 'meios de transporte', imagens simultâneas de travessias e confinamentos, uma das mais ricas e recorrentes na obra de Ana C. é a do 'navio', com suas amuradas. Imagem que se associa ao cais, às viagens, e, última instância, ao próprio quarto e ao âmago do eu. O eu no centro da cena, sempre a ponto de partir.

Sob outra perspectiva, nos poemas de Alice estamos "sempre a ponto de partir" em um trem, os trilhos ferroviários são a imagem que constrói, em sua maioria, o deslocamento na sua poesia. Como é o caso do segundo poema do livro "Trem noturno" (SANT'ANNA, 2013, p. 8), imagem poética da qual nos deparamos com três amigos(as) na cabine de um trem, os quais riem "quando o vagão para em uma estação erma, sem gente / nos bancos, sem despedidas", há um fiscal em sua cabine, e nesses versos notamos a presença de similitude temática entre as autoras, pois assim como Ana C., Alice Sant'Anna (desprendendo-se da temática do trem), passa agora a construir seus versos sob o prisma de elementos marítimos: "[...] o fiscal em sua cabine, sem/ casa ou mulher, espécie de marinheiro que não embarca/ em navio algum [...] (SANT'ANNA, 2013, p. 8).

O poema segue com instruções do tal fiscal e outra temática nos é posta: o deslocamento, "não conhecemos / absolutamente ninguém por estas bandas e por isso / mesmo tudo é tão assustador e leve ao mesmo tempo". O sentir-se deslocado aqui é evidenciado pelo não pertencimento ao lugar, pela falta de vínculos com pessoas, ambientes e situações, "[...] as ideias dançam e / trocam a ordem dos móveis na cabeça, se bem que pro-/vavelmente o único que dorme em todo o trem deve ser / o fiscal,

ou nem ele, duro que é, talvez prefira fantasiar / com ondas gigantes, maremotos" (SANT'ANNA, 2013, p. 8), e debruçados sobre o último verso construímos a metáfora de que o mesmo navio ancorado no espaço por Ana C. sofre com gigantes ondas provocadas pelos maremotos de Alice.

Os meios de transporte aqui observados potencializam a ideia de viagem/deslocamento, sendo ferroviária ou náutica, acarreta ainda outras temáticas, sobre as quais Camargo (2003, p. 297) ressalta:

> Interior e exterior mutuamente contaminados, entre-tempos e entre-lugares, limiares e ambiguidades, são questões potencializadas pelas imagens que se relacionam ao paradigma das viagens náuticas, constituindo-se em espaços privilegiados por seu forte potencial de continuar produzindo sentidos. Mesmo desgastadas, essas metáforas foram reaproveitadas e retrabalhadas a partir do romantismo. E a nova tradição – essa tradição de rupturas, como diz Octavio Paz – vai retomar as imagens náuticas a partir da incorporação de outros elementares temáticos, como o terrível e o abismo, que podem ser belos; ou o perigo e seu avesso, o abrigo; ou ainda o mar como espelho do homem. (CAMARGO, 2003, p. 297)

Embora o estudo da autora volte-se apenas para a poesia de Ana C., podemos observar que as temáticas suscitadas por Alice também são potencializadas nessa relação entre interior e exterior, a ideia de deslocamento e o uso de imagens de meios de transporte. No poema "trem noturno", a analogia proposta entre fiscal e marinheiro e entre trem e navio, apesar de remeterem a esse paradigma de viagem, pode-se conceber como uma ideia negativa, pois é dado um outro sentido para deslocamento, não é um navio/marinheiro que se desloca fisicamente, já que não se dá a partida, mas sente-se deslocado "não tem um lugar", não ocorre o movimento. É um navio que não está no mar, pelo contrário "está / bem firme nos trilhos", um lugar fora dele, daí a ideia de "fantasiar / com ondas gigantes, maremotos", porque um marinheiro que "não embarca / em navio algum" só pode fantasiar com o mar.

Ainda sob a perspectiva da viagem, outros dois poemas que potencializam esta imagem são intitulados "Travelling", partindo daqui nosso principal enfoque nesse mimetismo. O poema "Travelling" de Ana Cristina Cesar (2013b, p. 114) foi publicado em 1982, no livro *A teus pés:* prosa e poesia, e, vinte e oito anos após, Alice Sant'Anna (2013, p.25) publica em *Rabo de Baleia* o seu "Travelling". Neste último, os versos são tomados de distintas significações e interlocuções advindas da tradição que Alice se expõe ao fazer leituras de Ana C., movimentando esses traços para sua própria poesia.

O poema de Ana C. constrói imagens do próprio momento de produção literária que a poeta vivenciava. Entre os versos "guardo os papéis todos que sobraram" e "rasgo os papeis todos que sobraram" notamos a relação construída com os poetas da Geração Mimeógrafo, relação esta certificada crucialmente pelo verso "ria a Carolina perita no papel Kodak", tendo em vista que esse tipo de papel era utilizado nas produções independentes dos autores do círculo. Outro verso sobre o qual vale nosso olhar mais atento nos faz retomar a ideia inicial que adotamos de *travelling*, o recorte de uma câmera cinematográfica: "a câmera em rasante viajava", as imagens da câmera de Ana C. seguem os trilhos do *travelling*.

O diálogo que encontramos nos poemas não se condensa apenas pelos títulos serem idênticos, mas é evidente também nos versos em que as poetas, cada uma à sua

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 259 – 275 | mai/ago 2021

maneira, retratam o "deslocar-se" pela serra de Petrópolis, destacando também a relação de ambas com o Rio de Janeiro. Ana C., mais direta, deixa claro seu lugar no quinto verso do seu "Travelling": "Do alto da Serra de Petrópolis, / com um chapéu de ponta e um regador" (CESAR, 2013b, p. 114). Lugar retomado por Alice de forma mais subjetiva:

> [...]
> lembra daquele poema
> que diz a sereia de papel
> e pronto, já aprendi
> essa rua que sobe em curva
> lá de cima pipocam casas onde você nunca
> vai morar [...] (SANT'ANNA, 2013, p. 25)

A serra de Ana C. também se estabelece na imagem de Alice dessa "rua que sobe em curva", a subida mais famosa do Rio, da cidade histórica, das casas que não são feitas para qualquer morador, casa imperial desfrutada por Dom Pedro.

O professor e ensaísta Marcos Siscar, em seu livro *Ciranda da Poesia*: Ana Cristina Cesar (2011), desenvolve estudo sobre a poesia de Ana C. e nos apresenta um contraponto nesta analogia de "seguir os trilhos", considerando a lírica de Ana C, podemos ponderar ir na "contramão" de tais trilhos:

> A palavra é gasta, mas ganha sentido e vivacidade na poesia de Ana C. O sujeito poético está sempre no 'trânsito' (...). Esse trânsito, que configura um 'travelling' (segundo o título de um poema), é notoriamente o da 'contramão', do 'contrafluxo', que a poeta escolhe, mas onde também está 'presa'. Desse modo, falar é sempre arriscar-se na contramão, no sentido de colocar-se diretamente na direção ou na decepção, em que o fechamento do desastre, seu violento acontecimento, tem, no entanto, a chance de aproximar-se de uma possível alegria, da abertura de uma brecha. É nesse ponto que, em Ana C., o corpo confessa (o 'inconfessável', *Inéditos e dispersos*), o corpo encomenda, o corpo quer algo que o abra à diferença. (SISCAR, 2011, p. 46)

Embora os estudos de Siscar visem apenas a poesia de Ana C., podemos considerar que é o mesmo que ocorre com a câmera nos versos de Alice Sant'Anna, assim como a câmera da poeta é rasante, Alice observa os carros que "atravessam em câmera lenta", nesse "trânsito" de "contramão" apontado pelo autor. Os papéis da jovem não são rasgados como os de Ana, porém para Alice o "papel só serve para ocupar / o banco do lado, poema-carona". Neste poema nos deparamos com o grito mais exacerbado de afeto sofrido por Alice pois nos versos "lembra daquele poema / que diz a sereia de papel", se torna explicito inegavelmente a referência à Ana C., evidenciando que desde o título a jovem dialoga com o poema da "sereia de papel".

Sobre essa perspectiva da "sereia de papel", podemos estabelecer a construção de uma metáfora: concebida pela tradição literária, a sereia como musa inspiradora para muitos poetas, ou a alegoria da poesia, podemos considerar a poesia de Ana C. como a própria sereia de papel de Alice Sant'Anna, diante desses distintos pontos congruentes, alegoricamente as leituras que Alice realiza de Ana potencializam a poesia da "sereia de papel".

Essa similitude observada nos poemas, que nos saltam desde o título, é mais do que mera influência de uma poeta sobre outra, são temáticas que se mostram comuns e por isso as tomamos aqui como cumplicidades, assim como posto por Camargo (2003, p. 219): "em vez de 'influências', devemos falar em 'cumplicidade'. Cumplicidade feminina que faz parte da linhagem lírica recuperada por Ana, mas com o outro ponto de vista: o da mulher".

Esse lirismo feminino não se dá ilustradamente por versos ou expressões que estejam linguisticamente no gênero feminino, mas é algo inerente a poesia, é um "ser mulher" que reverbera nas imagens poéticas nessa cumplicidade entre as autoras. A professora e pesquisadora dos estudos sobre poesia brasileira moderna e contemporânea Susana Scramim (2016) em texto para a *Revista Cult* desenvolve análise de alguns poemas escritos por mulheres que, embora não sejam poemas de Ana C. e Sant'Anna, são poetas que também apresentam em seu lirismo essa cumplicidade feminina, como Angélica Freitas, Lu Menezes e Ana Martins Marques. No texto "A Poesia Mulher" a autora afirma que para uma escrita definir-se como feminina não se dá meramente porque a autoria corresponde a um autor que se "auto designa" mulher, "requer uma posição que implica a probabilidade de conseguir ver-se no outro. Implica a prática do espelho, não como exercício de miragem de si mesmo, mas, sim, de busca dos outros que coabitam na imagem refletida e a que produz a reflexão". (SCRAMIM, 2016, p. 1).

Ou seja, verificamos que não são apenas palavras flexionadas no gênero feminino, mas é algo evocado poeticamente, diferenciando o feminino de mulher, que é a cumplicidade poética colocada em evidencia pela escrita intimista dessas mulheres, as poetas aqui em foco evocam para si essa posição de "poesia-mulher", justamente porque reverberam essa cumplicidade.

Além de elementos poéticos como linguagem, versos e ritmo, outra questão que destacamos é a da imagem. Para Octavio Paz (1982, p. 134), em *O Arco e a Lira,* as imagens são essenciais no poema, pois "[...] nos levam a outra coisa, como ocorre com a prosa, mas nos colocam diante de uma realidade concreta", a partir disso podemos observar que na poesia de Alice e Ana C. nos colocamos, como sugerido por Paz (1982), diante dessa "realidade concreta" através das imagens dessa poesia que reflete o feminino. Complementando, o autor afirma que nas imagens:

> [...] os comentários, as referências e as explicações ficam sobrando. O poeta não quer dizer: *diz*. Orações e frases são meios. A imagem não é meio; sustentada em si mesma, ela é seu sentido. Nela acaba e nela começa. O sentido do poema é o próprio poema. As imagens são irredutíveis a qualquer explicação e interpretação. (PAZ, 1982, p. 134)

Da mesma forma, Scramim (2016) observa que a "poesia mulher" está intimamente ligada a refletir uma experiência poética pensada como imagem, pois pensar essa poesia tem a ver com a imagem. Entretanto, esclarece:

> Não apenas como imagem verbal ou imagem visual nem mesmo auditiva, mas com imagem sensível que produz experiência que altera nosso estado, sempre alerta, de 'estar na defensiva', de 'estar no ataque', ou seja, de estar sempre 'em guarda', com uma disposição preconcebida diante das coisas. Quando penso em uma poesia

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 259 – 275 | mai/ago 2021

> mulher, aposto no conflito com a equação do projeto moderno ocidental que é racional, evolutivo e disjuntivo. (SCRAMIM, 2016, p. 1)

Neste sentido, voltamos à análise de nosso *travelling*, pois encontramos nos poemas selecionados justamente esse reflexo da imagem do feminino-mulher. A sereia citada por Alice nos faz ponderar essa "cumplicidade" com o ser mulher, a "sereia de papel" é justamente esse feminino que encanta, mas também atormenta os navegantes dos mares em seus navios. Podemos observar essa condição também em outros poemas de Ana C., como o "nada, esta espuma", publicado em *Cenas de Abril* (1979), um poema curto, carregado de metalinguagem de uma deusa / mulher que escreve e uiva:

> **nada, esta espuma**
> Por afrontamento do desejo
> insisto na maldade de escrever
> mas não sei se a deusa sobe à superfície
> ou apenas me castiga com seus uivos.
> Da amurada deste barco
> quero tanto os seios da sereia.
> (CESAR, 2013d, p. 27)

Mais uma vez as imagens marítimas são potencializadas, o título do poema retoma a tradição literária referindo-se as ondas salgadas do mar, assim como as de Castro Alves em *Espumas flutuantes* (1870). Vamos ouvir agora uma voz que quer "tanto os seios da sereia". A sereia de papel mencionada por Alice no poema "Travelling" é a sereia presente também nos poemas de Ana C. Encontramos a "sereia de papel", como a autora é chamada por alguns estudiosos (FALEIROS; ZULAR; BOSI, 2014), em um dos poemas de *A teus pés*: "A história está completa: wide sargaço sea, azul azul que não / me espanta, e canta como uma sereia de papel". (CESAR, 2013b, p. 91)

Como se nota, a imagem marítima se mostra como o diálogo que ecoa entre as autoras nesses versos. Se nos versos anteriores temos um mar com "afrontosas espumas", agora o mar de Sargaço reflete um azul que espanta. Esse mar se destaca pela característica marcante da presença de algas marrons, as *Sargassum*, daí o nome, e também, pelas calmas águas azuis. As águas oceânicas do "wide sargaço sea" são de um azul profundo e, por tamanha beleza, chamam atenção do olhar poético, se fazendo mote não apenas para Ana C., mas também para outras obras literárias, como é o caso dos livros *A sea within a sea,* de Ruth Heller (2000) e *Wide Sargasso sea,* de Jean Rhys (2000).

Entretanto, Alice não se detém a fazer alusões a Ana C. de forma subjetiva, apenas como menção à "sereia de papel", pelo contrário, registra manifestamente a presença da autora da qual se "embebeda" literariamente. Passamos agora a um outro ponto em que se estabelece o diálogo poético entre Ana C e Alice Sant'Anna. Ao se referir a Ana C. em seus poemas observamos que Alice potencializa as relações pessoais, como se evidencia no poema "quando armando e ana se conheceram", referindo-se nomeadamente a Ana Cristina Cesar e a Armando Freitas Filhos.

Nesse poema, Alice nos faz vislumbrar a imagem da relação estabelecida entre os dois autores, que eram de fato amigos. As relações pessoais aqui afetam não só as

personagens, mas também a produção poética, construindo a imagem de como a relação afeta o outro, aquele que "passou a usar tênis depois que ela disse / que lhe caia bem os tênis" (SANT'ANNA, 2013, p. 22), ou um pequeno objeto que se torna tão significativo "um anel bruto que ela tinha e não tirou dos dedos / perguntou se ele queria ficar com o anel" (SANT'ANNA, 2013, p. 22), justificando que não aceitar o anel pode ser porque "não tenha entendido a urgência da pergunta / feita assim como quem / não quer nada" (SANT'ANNA, 2013, p. 22). Com efeito Armando não ficou com o anel, mas após o falecimento de Ana, foi ele o responsável pela organização de sua obra póstuma, que é tão preciosa quando este anel "esquecido de tão precioso" "em uma caixa de joias" (SANT'ANNA, 2013, p. 23).

Quando Alice Sant'Anna assinala o nome de Ana C. em seus poemas evidencia um duplo lirismo, que se dá pela cumplicidade como os temas, com o íntimo, com o colocar-se na escrita. A própria Ana C. em alguns de seus poemas alude a si mesma, implicando dessa forma mais um fator de similaridade, nesse caso dado por referência ao nome. Em um de seus poemas, publicado em *Inéditos e dispersos*, a autora se coloca: "do diário não diário 'inconfissões' / Forma sem norma / Defesa cotidiana / Conteúdo tudo / Abranges uma ana". (CESAR, 2013c, p. 149)

Abrangê-la é justamente abranger um sujeito, um "eu lírico", ou uma voz, um lirismo à proporção que um diário, marcado poeticamente por conter confissões / intimidades, porém, que se destaca em seus versos como "não diário – inconfissões". Ou seja, a defesa do cotidiano, temática recorrente na poesia de ambas, aquilo que passa despercebido aos olhos daqueles que só permitem o *travelling* passar, sem observar o percurso por ele traçado.

Essa temática metalinguística de diários e confissões se relaciona diretamente com o que já abordamos sobre o termo denominado por Camargo (2003) como cumplicidade, em conciliação a esta afirmação observamos outro ponto que destaca a autora "a predileção de Ana por gêneros confessionais – cartas e diários – [...] as formas confessionais ironizam o vínculo que se estabelece entre a exposição da intimidade e a literatura de mulheres." (CAMARGO, 2003, p. 216). É uma intimidade exposta também por ela em muitos de seus poemas que apresentam a temática do cotidiano, estabelecendo assim o outro ponto que analisamos nesse diálogo poético, a correspondência. O escrever, o enviar e o receber correspondências são motes recorrentes nos poemas de ambas.

Em "ausência", Alice Sant'Anna (2013, p. 26) trabalha também com a metalinguagem intimista "tenho te escrito com calma / cartas em um caderno azul". O escrever, nesse poema, causa no eu lírico o efeito catártico, por ter "medo da espera", não posta as cartas ao destinatário, mas ao lê-las busca a resposta em si mesmo "por dentro, ou serei eu mesma / (um rato?) a me roer / enquanto a resposta não chega", a espera que não terá fim, pois se anseia pela resposta de uma carta que "por preguiça ou nem morta" foi enviada.

O termo "Ausência", além da carga semântica daquilo ou de alguém que não está próximo e, justamente por isso, a relação estabelecida através de correspondências, é significativo também por se tratar do mesmo título de um dos poemas de Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987), poema este que teve um manuscrito dedicado a Ana C., anexado no livro *Inéditos e dispersos*, pois, segundo esclarecimento de

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 259 – 275 | mai/ago 2021

Armando Freitas Filho, Ana gostava muito deste poema e Drummond (2013, p. 438) o envia com a dedicatória "Com o pensamento em Ana Cristina".

Essas relações pessoais de Ana C. se tornam evidentes no livro *Inéditos e dispersos*: poesia/prosa [1982], organizado por Armando Freitas Filho, que contém algumas cartas deixadas por Ana, uma delas destinada ao próprio Armando, sobre a qual ele faz um poema que também é anexado ao livro, como uma homenagem à poeta. Evidenciando dessa forma uma relação entre os pontos abordados referente a correspondências/ cartas e as relações pessoais. Pontos que, de acordo com os estudos de Siscar (2011, p. 12), podem também remeter a questão do destinatário, pois como afirma o autor: "Na poesia de Ana C., é notória a referência à retórica da correspondência, dos cartões postais e mesmo do diário, que, segundo ela, são gêneros ligados à destinação, ainda que o destinatário permaneça indeterminado".

Complementando a imagem da correspondência, é frequente também as menções feitas por ambas a cartões postais e à poesia que se dá pela ideia do desenho. Como o poema de Sant'Anna (2013, p. 40) "Desenhava tudo o que via", um sujeito extremamente observador "a data ao lado, a rua, nada / se perdia no caderno", e mais uma vez retomando um dos elementos recorrentes em seu estilo "no diário: hoje fomos de trem, estava quente", os passeios de trem e as anotações nos diários dão voz ao íntimo. Uma voz que em outro poema, "Abro o envelope" (SANT'ANNA, 2013, p. 49), espera por "praias grandes paisagens / sua letra miúda contando coqueiros / a data à caneta", mais uma vez fazendo presente a metalinguagem poética. Neste poema, destacamos outra referência direta de Alice a Ana C. pois se nos versos de Alice "nenhuma janela aberta / nenhuma mostra / se faz sol ou chuva", no poema de Ana C. a janela está aberta:

> Quando entre nós só havia
> uma carta certa
> a correspondência
> completa o trem
> os trilhos
> a janela aberta
> uma certa paisagem
> sem pedras ou
> sobressaltos
> (CESAR, 2013b, p. 104)

Também observando as imagens construídas na perspectiva de correspondências e postais ao estudar a poesia de Ana C., Camargo (2003, p.223) afirma:

> Quando lidamos com cartas 'reais' e pessoais, escritas por um sujeito concreto e dirigidas a um destinatário específico, estamos tratando de um texto que, por definição, não é público, ancora-se no real e nas circunstâncias e quase sempre trata da intimidade, tendo, por isso mesmo, um cunho íntimo e, até confessional. [...] Saindo da esfera do privado, a carta assume também função documental: sua inserção na história, aliada ao caráter de 'sinceridade' das confissões, assim a legitimam.

Ou seja, o fator das correspondências está também atrelado ao caráter da intimidade. Direcionando nossa análise para mais um ponto de relação entre as poetas. Ao escrever sobre cartas/ correspondências e diários, as autoras suscitam gêneros que são peculiarmente marcados por aspectos de intimidade, seja direcionado a um interlocutor, ou um segredo contado a si mesmo, são confissões de um segredo, confissões de intimidades. A respeito dessa presença nos de poemas de Ana C., Camargo (2003, p. 222) esclarece: "ao gênero confessional se acrescenta a linguagem em tom de conversa, de fala íntima, a construir uma aparente intimidade devassada, sempre subvertida pelo 'olhar estetizante', pelos múltiplos disfarces".

Assim, nota-se que seja na temática do viajar (espaço físico), o deslocamento (emocional), nas sensações acarretadas pelas imagens marítimas, ou na intimidade revelada pelo tom confidencial de cartas e cartões postais, todos são construídos pelo lirismo feminino, ou melhor, pela "poesia-mulher". É esse caráter lírico feminino em Ana C. e Alice Sant'Anna que "costura" o sentir-se deslocado, a correspondência, a intimidade, ou ainda, as relações pessoais se fundem na construção poética, na "censura impossível do poeta". O lirismo em Ana C. e Alice Sant'Anna é o ponto marcante que faz com que não apenas se estabeleça o diálogo, mas torne emergente a escrita feminina, a "poesia-mulher", no *travelling* da poesia contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar os pontos analisados observamos que o *travelling* de ambas as poetas se correspondem, não porque um ou outro poema compartilha do mesmo título, ou temática poética, mas porque as leituras que Alice Sant'Anna faz de Ana C. a colocam em determinada tradição poética que reflete em sua própria poesia. Os diálogos poéticos entre Alice Sant'Anna e Ana Cristina César se colocam no anacronismo do contemporâneo de Agamben (2009), refletindo as imagens poéticas de Paz (2012), na linha de cumplicidade de Camargo (2003), e também na poesia-mulher de Scramim (2016). Os pontos que elencamos são na poesia de ambas os aspectos que fazem com que, neste caso, o poeta possa voltar o olhar para o seu próprio tempo, e assim como sugerido por Agamben (2009), também criticá-lo. Fazendo com que seu lirismo seja mais do que palavras flexionadas no gênero feminino, mas que seja o feminino de fato, a intimidade da mulher revelada em viagens, cartas e na forma de se relacionar e afetar ao outro, a poesia e a mulher numa relação de alteridade.

Nos poemas de Alice Sant'Anna emerge a tradição do verso livre, do poema em prosa ao dialogar com as correspondências de Ana C., sendo pelas cartas, pelas viagens, ou elementos marítimos, mas principalmente coloca em jogo toda uma tradição lírica ocidental, em especial da poesia brasileira do século XX, fazendo com que a intimidade lírica faça ecoar essa escrita feminina na contemporaneidade.

Através da construção do *travelling*, identificamos nos poemas de *Rabo de Baleia* (2013) relações com os poemas de Ana C., que podem ser abordadas como duas ideias de deslocamento: a de estar viajando e a de se corresponder por cartas, de forma que se tornam duas modalidades de mostrar ao leitor a intimidade, sendo exclusiva do poeta ou de relações interpessoais, resultando no lirismo que perpassa a construção de todos os poemas aqui analisados, o que nos leva a verificação de que as leituras

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 38 | p. 259 – 275 | mai/ago 2021

que Alice Sant'Anna faz de Ana C. contribuem para a construção poética de *Rabo de Baleia* (2013), num jogo de linguagem entre tradição e deslocamentos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios.** Chapecó, SC: Argus, 2009.

AGOSTINHO, Larissa Drigo. Ana Cristina Cesar, a arte de ser desdobrável. **Revista Investigação**, São Paulo, v. 28, n. 1, p.1-24, jan. 2015. Disponível em: https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/viewFile/1200/1407. Acesso em: 16 mar. 2018.

ALVES, Paulo Ricardo. Uma possível Ana Cristina Cesar. 2017. **Revista Cult.** Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/uma-possivel-ana-cristina-cesar/. Acesso em: 16 mar. 2018.

ANDRADE, Carlo Drummond de. Ausência. *In:* CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 438-438.

BOSI, Viviana. Posfácio: à mercê do impossível. *In:* CESAR, Ana Cristina. **Poética**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 425-431.

CAMARGO, Maria Lúcia de Barros. **Atrás dos olhos pardos**: uma leitura da poesia de Ana Cristina César. Chapecó: Argos, 2003.

CESAR, Ana Cristina. Luvas de Pelica. *In:* CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a. p. 53-74.

____. A teus pés: prosa/poesia [1982]. *In:* CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b. p. 75-123.

____. Inéditos e dispersos: poesia/prosa [1982]. *In:* CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013c. p. 125-312.

____. Cenas de Abril [1979]. *In:* CESAR, Ana Cristina. **Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013d. p. 15-44.

FALEIROS, Álvaro; ZULAR, Roberto; BOSI, Viviana (Org.). **Sereia de Papel**: Visões de Ana Cristina Cesar. Rio de Janeiro: Uerj, 2014.

FERRAZ, Eucanaã (Org.). **Poesia Marginal**: Palavra e Livro. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2013. 192 p.

FORTUNA, Felipe. Discípula de Ana C., escritora insiste no registro de sua vida. **Folha de São Paulo, 2016**. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/11/1829420-discipula-de-ana-c-escritora-insiste-no-registro-de-sua-vida.shtml. Acesso em: 16 mar. 2018.

GONÇALVES, Cristiane Rodeva. Quem tem medo de Ana Cristina Cesar? **Boletim de Pesquisa Nelic**, S.l, v. 3, p.196-203, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2010nesp3p197/14685 Acesso em: 16 mar. 2018.

HELLER, Ruth. **A Sea Within A Sea.** Nova Iorque: Grosset & Dunlap, 2000.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (Ed.). **Apresentação** - Poesia Marginal. Disponível em: https://ims.com.br/publicacao/poesia-marginal-palavra-e-livro/ Acesso em: 16 mar. 2018.

LEONE, Luciana di. **Poesia e escolhas afetivas:** edição e escrita na poesia contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 44-54.

RHYS, Jean. **Wide Sargasso Sea**. London: Penguin Modern Classics, 2000.

RODRIGUES, Leandro Garcia. Ana Cristina Cesar: Não tão marginal assim. **Diálogo e Interação**, S.l, v. 5, p.1-16, 2011. Disponível em: http://www.faccrei.edu.br/wp-content/uploads/2016/10/diartigos75.pdf. Acesso em: 16 mar. 2018.

SANT'ANNA, Alice. **Rabo de Baleia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013. 64 p.

____. Meios de Transporte**.** Revista **Serrote,** 2016, p.1-12. Disponível em: https://www.revistaserrote.com.br/2016/06/meios-de-transporte-por-alice-santanna/. Acesso em: 16 mar. 2018.

SANTIAGO, Silviano. Singular e Anônimo. *In:* **Nas malhas da letra.** São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

SISCAR, Marcos**. Ciranda da Poesia:** Ana Cristina Cesar por Marcos Siscar. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011. 100 p.

SRAMIM, Susana. A poesia Mulher. **Revista Cult,** 2016. Disponível em: https://revista-cult.uol.com.br/home/a-poesia-mulher/. Acesso em: 21 maio 2019.

PAZ, Octavio. **O Arco e a Lira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Recebido em 15/06/2021
Aprovado em 04/08/2021